



## O simbolismo mágico-religioso da serpente nas tradições nórdica e finlandesa

The magical-religious symbolism of the serpent in the Scandinavian and Finnic traditions

Leandro Vilar Oliveira<sup>1</sup>

Victor Hugo Sampaio Alves<sup>2</sup>

**Resumo:** Sendo símbolo fortemente polissêmico, a serpente é encontrada em uma vasta quantidade de tradições espalhadas pelo mundo. Considerando que os povos nórdicos mantiveram contatos e intercâmbios culturais com os povos fínicos por séculos a fio, é interessante que se crie um quadro comparativo para identificarmos e posteriormente evidenciarmos as semelhanças e diferenças no modo como cada uma dessas tradições representava a serpente.

**Palavras-Chave:** Simbolismo; Serpente; Mitologia; Religião; Magia.

**Abstract:** Being a considerably polysemic symbol, the serpent is found among a great variety of traditions throughout the world. Considering that the Norse people had been in contact and cultural exchanges with the Finnic peoples through many centuries, it becomes important to come up with a comparative board in order to identify and highlight the differences and similarities about the way each tradition represented the serpent.

**Keywords:** Symbolism; Serpent; Mythology; Religion; Magic.

### Introdução

Dentre os trabalhos pioneiros sobre o simbolismo da serpente, destaca-se o publicado pelo biólogo indiano Balaji Mundkur, intitulado *The Cult of the Serpent: An*

---

<sup>1</sup> Doutor em Ciências das Religiões (UFPB), Mestre em História e Cultura Histórica (UFPB), membro do Núcleo de Estudos Vikings e Escandinavos (NEVE) e do Museu Virtual Marítimo EXEA. Email: [vilarleandro@hotmail.com](mailto:vilarleandro@hotmail.com).

<sup>2</sup> Doutor em Ciências das Religiões pela Universidade Federal da Paraíba. Membro do Núcleo de Estudos Vikings e Escandinavos (NEVE) e do Centro Internacional e Multidisciplinar de Estudos Épicos (CIMEEP). Email: [victorweg77@gmail.com](mailto:victorweg77@gmail.com).

*Interdisciplinary Survey of its Manifestations and Origins* (1983), uma obra resultante de longos anos de pesquisa, abordando distintas ciências no intuito de mostrar a diversidade de simbolismos atribuídos às serpentes entre diferentes povos e culturas. Embora a pesquisa de Mundkur tenha se centrado em exemplos euroasiáticos, a serpente é um animal mundialmente conhecido, já que com exceção dos polos e de algumas ilhas, esses répteis são encontrados em todos os continentes, incluindo em alguns oceanos. Por conta disso, diversos povos apresentam mitos, lendas, crenças e símbolos associados às serpentes.

Devido a essa ampla variedade de lugares onde esses animais podem ser encontrados, as serpentes suscitaram centenas de simbolismos, o que as torna por excelência um ótimo exemplo para se estudar algumas características centrais dos símbolos: a proteiformidade (mudança de sentidos), a polivalência (múltiplos significados), a poliformidade (muitas formas) e a ambivalência (significados contraditórios) (PASTOUREAU, 2002). Portanto, a ideia de que serpentes sempre significariam algo negativo é um equívoco bastante difundido pelo senso comum. Em seu estudo, Mundkur (1983) mostrou que numa mesma cultura e época a serpente pode ter um significado positivo ou negativo a depender do contexto.

Por tal característica, a serpente deve ser compreendida a nível simbólico como um animal ambíguo, podendo representar vida ou morte, proteção ou ameaça, cura ou doença, sorte ou azar, benção ou maldição, sabedoria ou ignorância, verdade ou mentira, astúcia ou malícia, prosperidade ou penúria, céu ou terra, fogo ou água, salvação ou danação, liberdade ou prisão, alívio ou castigo etc. Contudo, além desses sentidos dualistas, as serpentes também possuem significados associados com a fertilidade, a fecundidade, a sexualidade, o tempo, a natureza, a magia, a alquimia, a astrologia, nobreza, a proteção etc. (OLIVEIRA, 2020a; OLIVEIRA, 2020b).

Uma vez explanadas algumas das características do simbolismo da serpente, a qual possui outros sentidos também, comentaremos a seguir a respeito da abordagem por nós proposta e o recorte temático específico que forma nossa investigação. Nesse caso, analisamos a serpente a partir de seu valor simbólico dentro de concepções mágicas e religiosas, pois ambas em alguns casos se conectam e se complementam.

O conceito de símbolo é amplo e não possui unanimidade. Por conta disso, definimos símbolo como sendo um sistema de ideias, crenças, noções e conceitos que

faz uso de signos, sinais, alegorias, imagens, pessoas, cores, animais, plantas, elementos, valores, lugares, gestos, direções, formas etc. para expressar significados reais e abstratos, usados para a comunicação, a instrução, a informação, a identificação, a codificação etc. (CASSIRER, 1961; SPERBER, 1979; HEGUIT, 2012).

Já o conceito de magia é problemático por envolver o chamado preconceito anti-mágico, que no Ocidente é um legado do pensamento religioso medieval da tradição judaico-cristã (mas também islâmica em algumas localidades), o qual concebia a magia como algo primitivo e sombrio. Sendo assim, adotamos como conceito simples que a magia consiste num conjunto de práticas que envolvem o uso de diferentes artifícios, objetos, plantas, animais, minerais, símbolos etc., com o intuito de manipular forças naturais e sobrenaturais para se obter algum resultado que possa ser de caráter benéfico, maléfico, protetivo, curativo, adivinatório, amoroso, auspicioso, fortuito etc<sup>3</sup>. (THOMAS, 1991; NÖTH, 1996; MAUSS; HUBERT, 2003).

O conceito de religião é amplo e complexo, mas para este estudo consideramos religião, à grosso modo, como um conjunto de crenças, ritos, práticas, símbolos e mitos de caráter sobrenatural e transcendental, em que se procura conceder explicações sobre a realidade, a vida, a morte, a natureza, o ser humano, o divino, o sagrado etc., como forma de garantir ao devoto uma referência para sua existência presente e perspectivas de futuro. Observando que as religiões se organizam de diferentes formas<sup>4</sup>, possuindo maiores ou menores graus de complexidade organizacional (OLIVEIRA, 2020c; SCHILBRACK, 2022).

Não obstante, ao tentarmos compreender antigas religiões, principalmente as que não deixaram muitas evidências, ou cujas evidências sejam fragmentadas, problemáticas e indiretas, é por meio da reconstrução de suas estruturas mais elementares e caracterizantes que podemos obter um vislumbre a seu respeito. Uma das formas de se fazer isso é recorrendo ao método comparativo, ou seja, comparando a religião ou mitologia investigada a outras potencialmente similares a nível de estrutura (comparação tipológica) ou ainda a outras religiões ou mitologias com as quais ela

---

<sup>3</sup> A abrangência dos limites da magia é difícil de ser definida, pois dependendo da concepção adotada, a alquimia, a astrologia, a fitoterapia, algumas terapias alternativas e até mesmo algumas práticas religiosas podem ser também englobadas pelo conceito.

<sup>4</sup> Aqui incluem-se as características das religiões serem monoteístas, politeístas, dualistas, xamânicas, animistas, espiritualistas, se possuem clero organizado ou não, se possuem livros sagrados, arte sacra, doutrinas, dogmas, templos, santuários, locais de grupo, instituições etc.

esteve em contato direto ao longo de sua história (comparação genética)<sup>5</sup>. Nesse sentido, o comparativismo e o próprio recurso da analogia, quando usados prudentemente, podem auxiliar na reconstrução de mitos, rituais e cosmovisões de uma dada religião ou mitologia (SCHJØDT, 2017).

Com isso em mente, o presente artigo buscou analisar o simbolismo da serpente nas tradições nórdica e finlandesa, almejando a criação de um quadro comparativo que seja capaz de evidenciar as semelhanças e diferenças na simbologia em torno deste animal altamente presente no repertório mitológico e religioso de ambas as tradições. Os nórdicos mantiveram inúmeros e frequentes contatos de diversas naturezas com vários dos povos balto-fínicos<sup>6</sup> ao longo da Idade Média<sup>7</sup>, especialmente com os fínicos habitantes dos territórios que corresponderiam hoje a Suécia e a Finlândia.

Apesar dos encontros por vezes violentos entre os vikings<sup>8</sup> e as populações balto-fínicas, uma considerável parte das relações entre esses povos possuía uma face pacífica e voltada ao comércio: o sistema altamente descentralizado de trocas comerciais durante a Idade Média indica que nórdicos, balto-fínicos e até mesmo alguns povos eslavos circulavam pelo norte europeu em busca do comércio de peles de animais com os povos sâmis<sup>9</sup> propiciando um contexto relacional de alta pluralidade e dinamicidade cultural. (DUBOIS, 1999),

---

<sup>5</sup> Muitos dos principais estudiosos da religião lançaram mão do método comparativo como recurso válido, a despeito das suas devidas singularidades metodológicas e teóricas. Os mais clássicos exemplos nesse sentido são os estudos do próprio “pai da Ciência das Religião”, Max Müller (1873), além de autores como James Georges Frazer (1911) e Mircea Eliade (1969).

<sup>6</sup> Chamamos de balto-fínicos os diversos povos falantes de línguas fínicas que habitavam/habitam a região do Mar Báltico. Este conceito engloba finlandeses, íngrios, carelianos, izorianos, estonianos, vépsios, dentre outros.

<sup>7</sup> Sobre esses contatos entre escandinavos e finlandeses, cf. Edgren (2008).

<sup>8</sup> O termo *viking* possui basicamente dois significados: o primeiro, étnico, se refere aos habitantes germânicos da Escandinávia durante a Era Viking; o segundo, por sua vez, é empregado em sentido ocupacional para designar especificamente as ações de pirataria e incursão realizadas por alguns escandinavos (LANGER, 2018).

<sup>9</sup> Os sâmis eram povos urálicos que habitavam o norte da Península Escandinava e das regiões da Finlândia e Rússia, tendo mantido frequentes intercâmbios culturais tanto com escandinavos quanto com finlandeses. Eram povos nômades que viviam da pesca, do pastoreio de renas e do comércio de peles. Nas fontes nórdicas, por exemplo, sobretudo nas sagas islandesas, os sâmis eram frequentemente confundidos com povos balto-fínicos, sendo, por isso, chamados de *finnar* no idioma nórdico antigo (TOLLEY, 2009). Apesar da diferença linguística, os sâmis mantiveram contatos comerciais e de outras naturezas com os escandinavos por diversos séculos (para um panorama destas relações durante a Era Viking, consultar ZACHRISSON, 2008).

Dessa forma, propomos uma comparação de cunho genético<sup>10</sup> para que se investigue o simbolismo da serpente nessas duas tradições que, apesar de diferentes, podem ter compartilhado parcialmente desse simbolismo graças a seus contatos e eventuais trocas culturais.

## 1. A serpente na tradição nórdica

No contexto nórdico as serpentes são símbolos encontrados em uma grande variedade de materiais: na literatura, em petróglifos, monumentos, joias, elmos, embarcações, móveis, objetos pessoais, motivos decorativos, mitos, nomes próprios etc. As representações mais antigas de serpentes são datadas de pelo menos 1500 a.C., e podem ser encontradas talhadas em rochas, nas quais vemos serpentes com chifres e cabelos, apesar de não se saber quais significados elas teriam (LANGER, 2003).

Dependendo do lugar, a forma como a serpente era vista na cultura variava. A Islândia é uma ilha sem serpentes e, ainda assim, esses animais estavam presentes na sua literatura, lendas e mitos. A Suécia, por sua vez, abunda em monumentos contendo serpentes. Já na Dinamarca foram achados broches em formato de cobra e moedas contendo imagens delas, enquanto na Noruega temos igrejas do século XII contendo serpentes em portais e painéis. Além dessa variedade de suportes nos diferentes países escandinavos, o simbolismo da serpente também variava de acordo com o suporte, não apenas a localidade e a época (MANDT, 2000).

Por exemplo, na literatura *édica*<sup>11</sup>, principal fonte literária da mitologia nórdica, as serpentes aparecem nos mitos geralmente com características negativas, representando morte, ameaça, castigo, sofrimento e destruição. Algo visível em alguns exemplos como Loki sendo castigado com uma cobra (*Lokasenna*, epílogo), ou assassinos e perjuros sendo atormentados com veneno de cobras no salão de Náströnd (*Völuspá* 39, *Gylfaginning* 52). A serpente gigante Jormungand (um dos filhos

---

<sup>10</sup> Na concepção de Schjødt (2017), a comparação genética refere-se as culturas que tiveram contatos diretos entre si, desenvolvendo aspectos identitários similares, como o caso dos escandinavos e finlandeses, ou dos gregos e romanos.

<sup>11</sup> Essa literatura é formada pela *Edda Poética* (XIII), conjunto de poemas anônimos de autoria diversa, os quais versam sobre feitos de deuses e heróis; e a *Edda em Prosa* (XIII), manual mitológico e poético, dividido em quatro partes, possivelmente redigido pelo poeta e legislador Snorri Sturluson (1178-1241), que reuniu vários mitos e organizou alguns deles de modo a apresentá-los como uma sucessão de acontecimentos. Usamos traduções em inglês, pois as em língua portuguesa são amadoras.

monstruosos de Loki), é responsável por causar inundações durante o Ragnarök e até mesmo por levar o deus Thor à morte, envenenando-o (*Völuspá* 51-57, *Gylfaginning* 51) (OLIVEIRA, 2017a).

As *Eddas* também ressaltam que o submundo, local associado aos mortos, era infestado por uma quantidade imensurável de serpentes, as quais estariam a roer as raízes de Yggdrasil, a árvore cósmica (*Grimnismál* 34). Ali no submundo também poderia estar situado Náströnd<sup>12</sup>, assim como lá se encontrava o dragão<sup>13</sup> Nidhogg, descrito como uma serpente que “sugava” os mortos (*Völuspá* 39, *Gylfaginning* 52).

Quando passamos para outro *corpus* literário nórdico, no caso, as sagas islandesas<sup>14</sup>, vemos que em algumas narrativas as serpentes ainda possuem os valores negativos anteriormente apontados, mas, em outros, elas adquirem novos significados. Devido à existência de dezenas de sagas, optamos por escolher alguns exemplos para este estudo. Na *Saga dos Volsungos* (XIII), uma das sagas mais famosas da literatura nórdica medieval, que versa sobre diferentes gerações da família dos Volsungos, temos a presença do dragão Fafnir<sup>15</sup>, que guardava uma caverna com tesouro. Ele é descrito como uma serpente gigante, e representava a cobiça, a punição e a provação do herói Sigurd, que o matou. Após vencê-lo, Sigurd obteve habilidades especiais ao comer o coração da fera, ganhando o dom de compreender a língua dos pássaros. Além disso, ele se banhou no sangue do dragão, tornando-se quase invulnerável, outra característica que ilustra o aspecto mágico vinculado à serpente. Mais tarde na trama, Sigurd aparece trajando bela armadura e empunhando espada e um escudo com imagens ofídicas, os quais simbolizavam prestígio (*Saga dos Volsungos*, 2009).

Na *Guta saga* (XIII), que narra a lenda da colonização da ilha de Gotland, na Suécia, diz-se que o casal de colonos Hafpi e Huitastierna tiveram uma revelação.

---

<sup>12</sup> Náströnd (“costa dos cadáveres”) é um dos mundos dos mortos, em que ficaria situado num local sombrio, para aonde seguiriam aqueles que cometeram crimes de assassinato, perjuro e adultério. Náströnd poderia ser considerado uma espécie de “inferno nórdico”, sobre uma análise pormenorizada sobre ele cf. Oliveira, 2017b.

<sup>13</sup> Na mitologia nórdica o dragão poderia aparecer tanto na forma de uma serpente gigante quanto na forma comumente vista na iconografia, possuindo patas, asas e cuspidor de fogo. Por conta dessa característica ofídica, o dragão escandinavo teria absorvido elementos simbólicos da serpente. Cf. Langer, 2003.

<sup>14</sup> As sagas islandesas consistem em várias narrativas escritas geralmente por autores anônimos, entre os séculos XII e XIV. Algumas sagas abordavam temas históricos, enquanto outras possuíam um caráter fantasioso.

<sup>15</sup> Neste mito, Fafnir era um anão que foi amaldiçoado a se tornar um dragão após ter matado os irmãos na tentativa de se apossar da herança do pai.

Huitastierna estava grávida e certa noite teve um sonho ominoso, envolvendo três serpentes que saíam de seu ventre. Ao contar para seu marido, Hafpi ficou feliz com aquilo, pois disse que não era um sonho de mau agouro, mas sinal de benção. Posteriormente, sua esposa deu à luz três varões, que cresceram saudáveis e fortes, dando continuidade à colonização da ilha (*Guta saga*, 2010).

Para Ferrari (1997) o sonho de Huitastierna com cobras teria um significado de fertilidade, além da presença do número três, que possui valor mágico naquela sociedade, sendo associado também a Odin, deus da guerra, dos aristocratas, reis, dos mortos e, conforme atestam outros materiais, igualmente associado às serpentes<sup>16</sup>.

No quesito mágico, a literatura nórdica medieval, diferentemente da literatura finlandesa, conforme veremos, faz apenas algumas singelas menções às serpentes. Anteriormente, vimos que na história de Sigurd, o herói ganhou dons após ingerir o coração de Fafnir<sup>17</sup> e banhar-se em seu sangue. Entender a língua dos pássaros era considerado um dom de sabedoria, algo que volta a ocorrer naquela narrativa, pois o herói oferece o coração do dragão para sua esposa Gudrun, que também ganhou o dom da sabedoria.

Outros dois exemplos de uso mágico relacionado a serpentes são narrados em duas histórias presentes no livro *Gesta Danorum* (Feitos dos Daneses), que consiste numa crônica semi-histórica escrita por um clérigo com o pseudônimo de Saxo Grammaticus entre os séculos XI e XII. No livro 3 é narrada a história dos rivais Balderus e Hoderus, que disputam o amor da mesma mulher. No caso, Balderus era descrito como sendo um grande guerreiro com capacidades sobre-humanas. Hoderus, ao espionar o rival, descobre que ele fazia uso de magia, tomando uma poção feita de sangue de cobra. Já no livro 5, narra-se a história dos meios-irmãos Erik e Roller, na qual este último bebeu uma sopa feita com sangue de uma cobra branca e assim recebeu o dom do conhecimento, da eloquência e a compreensão das línguas dos animais (*Gesta Danorum*, 2015).

---

<sup>16</sup> A associação de Odin com cobras aparece de forma breve na mitologia. Na *Edda em Prosa* é narrado que para obter o hidromel da poesia, Odin transformou-se em serpente para adentrar a caverna onde a bebida mágica estava escondida. Dentre as dezenas de epítetos concedidos ao deus, encontram-se entre eles Ofnir (“Enroscador”) e Svafnir (“Portador do Sono”), embora até hoje os mitólogos não chegaram a uma conclusão quanto a associação desses nomes com Odin.

<sup>17</sup> Embora seja referido como dragão (*dreki* no original), Fafnir é descrito como uma grande serpente, pois ele rastejava e soltava um hálito venenoso.

Deixando o campo literário no qual abunda o simbolismo da serpente, a cultura material nos fornece muitos exemplos simbólicos, embora mais difíceis de determinar em termos de significado. No Período Vendel (sécs. V-VIII) que antecede a Era Viking (sécs. VIII-XI), encontram-se elmos com imagens ofídicas, estabelecendo relações entre a serpente e ideias marciais que evocam ferocidade, perigo e força, algo inclusive visto na literatura, como mencionamos há pouco.

Data também da transição entre o Período Vendel e a Era Viking o uso de broches em formato serpentiforme, produzidos em diferentes modelos. Na cultura nórdica, o uso de acessórios como colares, pingentes, broches, brincos, anéis, pulseiras e braceletes foi algo comum. Inclusive, seu uso era visto como sinal de status social. O arqueólogo Rundkvist (2003) salientou que a abundância desses broches ofídicos (em formato de serpente) poderia indicar algum tipo de moda da época, apesar de não se saber se possuíam algum significado simbólico além do estético. No entanto, Gräslund (2006) sugere a hipótese de que a adoção de serpentes nos broches poderia estar associada a fins de boa sorte ou a algum tipo de proteção, pois a autora recorda a crença de que serpentes ajudariam a proteger mulheres parturientes. Ademais, muitos desses broches foram achados em túmulos femininos. Isso lembra o mito narrado na *Guta saga*, em que Huitastierna estava grávida e sonhou com cobras, sendo um sonho positivo.

Entretanto, a adoção de motivos serpentiformes na feitura de broches não foi algo exclusivo da Dinamarca entre os séculos VII e VIII. A chamada “Arte Viking”<sup>18</sup> teve como um dos temas mais comuns para ornamentação justamente as serpentes. Assim, encontram-se cobras em joias, acessórios, móveis, objetos de decoração, monumentos, taças, arcas etc., embora tenha sido posteriormente, no estilo Urnes (1050-1150) que as serpentes se destacaram como motivo comum, com milhares de exemplos que podem ser encontrados nas chamadas pedras rúnicas, monumentos erigidos entre os séculos V ao XII para fins memorialistas. No entanto, foi somente no século XI em que o uso de serpentes na ornamentação e simbolismo das pedras rúnicas fez-se predominante.

---

<sup>18</sup> *Arte viking* é o termo usado para se referir a sete estilos artísticos: Broa-Oseberg, Borre, Jelling, Mammen, Ringerike e Urnes, que estiveram em vigência na Escandinávia e territórios ocupados pelos escandinavos como Inglaterra, Escócia e Irlanda, entre os séculos VIII e XII. Cada um desses estilos possui características próprias (WILSON, 2008).

Sobre isso, Oliveira (2020a) propôs que as serpentes nas pedras rúnicas do século XI teriam uma função não apenas estética, mas religiosa e mágica. Tais animais agiriam como símbolos apotropaicos<sup>19</sup> para proteger a alma e lembrança dos mortos, afastando maus espíritos e outras influências negativas; além disso, as serpentes também simbolizariam aspectos associados à vida, à morte, ao espírito, ao renascimento (no caso dos monumentos dedicados aos cristãos), aos laços familiares e ao ciclo da vida.

Um último exemplo a ser dado sobre serpentes na tradição nórdica refere-se à crença na serpente do lar. Na Religião Nórdica Antiga existia a crença em vários espíritos tutelares<sup>20</sup> como as *dísir*, as *fylgjar*, as *hamingjur*, os elfos, os *vættir* e os *landvættir*. No que se refere especificamente a serpente do lar, trata-se de uma crença religiosa encontrada entre vários povos europeus como os gregos, os romanos, os germânicos, os celtas, os eslavos, os nórdicos, os bálticos etc., e até mesmo entre povos africanos e asiáticos (OLIVEIRA, 2020a).

Contudo, como apontado por Lecouteaux (2013), essa crença tem em comum a ideia de que um espírito serpentiforme passaria a habitar uma casa, vivendo geralmente escondido sob o chão, o fogão ou a lareira, e proporcionando prosperidade, fertilidade, fecundidade e proteção à família. Não se sabe quando essa crença surgiu na Escandinávia devido à falta de registros históricos, mas, em suas pesquisas, Lecouteaux apontou que ela permaneceu no folclore nórdico no sul da Suécia e noroeste da Dinamarca. O autor cita o sermão *Sialinna tröst* (A Consolação da Alma) e o livro *Historia de Gentibus Septentrionalibus* (História dos Povos Nórdicos), publicado por Olaus Magnus em 1555, em ambos se lê que ainda havia pessoas que deixavam oferendas para as serpentes do lar, mesmo que isso já fosse considerado uma prática pagã e supersticiosa, visto que a Escandinávia havia se tornado cristã desde o final do século XI.

---

<sup>19</sup> Apotropia é o termo usado para se referir a práticas, objetos, símbolos e crenças relativos a proteção contra diferentes tipos de perigos e problemas. Um exemplo comum de apotropia são os amuletos de sorte e encantamentos de proteção.

<sup>20</sup> As *dísir* eram espíritos femininos da fertilidade, as *fylgjur* eram espíritos femininos de proteção, as *hamingjur* representavam a boa sorte, os elfos eram espíritos da fertilidade, os *vættir* e os *landvættir* eram espíritos da natureza que poderiam assumir várias formas.

## 2. A serpente na tradição finlandesa

A serpente enquanto animal mitológico é encontrada em inúmeras tradições de povos que, assim como os finlandeses e diferentemente dos nórdicos (estes, indo-europeus), pertencem ao ramo linguístico urálico<sup>21</sup>. Vejamos alguns exemplos: entre os mordovianos, as serpentes figuravam no simbolismo do casamento como representantes da fluidez, embora também fossem invocadas na magia para infringir dano a alguém (DEVYATKINA, 2004); os xamãs khanty cravavam imagens de serpentes em alguns de seus instrumentos cerimoniais, pois elas eram seus espíritos auxiliares (KULEMZIN, 2006); sete serpentes guardavam a entrada para o submundo na mitologia selkup, protegendo-a de espíritos malignos (KUZNETSOVA, 2010); um herói mitológico dessa mesma tradição tinha, entre seus desafios, vencer uma serpente de três cabeças e, posteriormente, outra de doze (TUCHKOVA, 2010); Gundir, uma criatura da tradição komi, era um monstro de várias cabeças com morfologia serpentina (ULYASHEV, 2003).

Nesse sentido, é especialmente relevante sublinhar a notável semelhança entre as ilustrações de serpentes nas superfícies de tambores sámis<sup>22</sup> – outros povos urálicos habitantes do norte que, conforme apontamos brevemente, estiveram em contato tanto com os finlandeses quanto com os nórdicos – e certos tipos de inscrições em formato de ziguezague registradas em algumas pedras em território finlandês, como na região de Sarakallio – há uma comparação detalhada feita por Autio (1991), principalmente no que diz respeito a possíveis interpretações xamânicas desses desenhos.

Percebemos, dessa forma, dois pontos de partida importantes que permanecerão implícitos no restante de nossa discussão: primeiramente, o fato de que o simbolismo da serpente circulava em parte considerável do norte europeu entre culturas que estiveram

---

<sup>21</sup> O urálico é uma grande família linguística cujos falantes estão em sua esmagadora maioria espalhados pelo norte euroasiático, nas regiões árticas e subárticas (uma das poucas exceções é o húngaro, falado na Europa Central). Seu nome advém da hipótese de que todos esses idiomas teriam se originado de uma mesma língua-mãe, o proto-urálico, cujos primeiros falantes teriam habitado a região dos Montes Urais, uma cordilheira de montanhas na fronteira da Rússia com a Ásia. Entre os falantes de idiomas urálicos na parte ocidental relevantes para o presente estudo, estão os finlandeses e demais povos balto-fínicos, além dos sámis. Já os escandinavos, que tornar-se-iam popularmente conhecidos por “vikings”, são falantes de idiomas pertencentes a ramos germânicos (e, portanto, Indo-Europeus), e não Urálicos. Para um panorama da família linguística urálica, ver Abondolo (1998).

<sup>22</sup> O xamanismo era um dos principais traços das religiões dos povos sámis. Os tambores com superfícies ilustradas eram indispensáveis à sua ritualística (ver AHLBÄCK & BERGMAN, 1988; sobre tambores no xamanismo, ALVES, 2020c).

em constante intercâmbio cultural (nórdicos-sámis-finlandeses), o que justifica nosso intuito investigativo; e, em segundo lugar, que esse símbolo, conforme presente na tradição finlandesa, era ao menos em alguma medida, produto de uma herança cultural dos povos urálicos.

No caso nórdico, ainda que a maioria das fontes literárias de que dispomos sejam datadas de alguns séculos depois da Era Viking, a situação é mais favorável se comparada aos materiais finlandeses sobreviventes. O primeiro relato literário a respeito da mitologia e religião finlandesa pré-cristã é a lista de divindades e outras entidades escrita pelo bispo Mikael Agricola, em 1551, disponibilizada em sua tradução d'*O Salmo de Davi* para o finlandês medieval. O restante do material de que dispomos é constituído principalmente por poemas e canções da tradição oral que foram compilados em sua maioria ao longo do século XIX. Ou seja, tentar reconstruir a religião finlandesa tradicional e sua respectiva mitologia é lidar com a arbitrariedade cronológica de suas fontes, todas consideravelmente tardias em relação a seu período pré-cristão (ALVES, 2020a; ALVES, 2020b). As informações que as fontes finlandesas nos revelam são, portanto, sedimentárias, embora isso não signifique que seja inviável encontrar nelas alguns achados que nos forneçam perspectivas acerca de seus períodos mais antigos (SALO, 1990).

A lista elaborada por Agricola contém os nomes de vinte e três seres mitológicos que, em teoria, ainda eram adorados por finlandeses das regiões de Tavastia e Carélia (situadas no sul da Finlândia); a maioria é listada como sendo divindades, embora hoje se saiba que muitos deles eram na verdade outros tipos de entidades (ANTTONEN, 2012). Como não há qualquer menção a algum deus que estivesse relacionado às serpentes e, como os deuses da lista tampouco foram descritos para sabermos se algum deles manifestava traços ofídicos, resta-nos abordar materiais posteriores.

No poema *Aurinko ja kuu I* (“O sol e a lua I”), coletado em 1832 na região de Kainuu, parte oriental da Finlândia, uma serpente alada avisa ao deus Väinämöinen<sup>23</sup> que o sol e a lua, antes desaparecidos, haviam voltado a surgir graças a ele (FFPE 31).

---

<sup>23</sup> Väinämöinen era o deus demiurgo na mitologia finlandesa, tido não apenas por criador do cosmos, mas também como o regente supremo da magia, da música, das palavras, do conhecimento e das águas. Inúmeras de suas narrativas manifestam traços inegavelmente xamânicos assim como a busca por conhecimentos no mundo dos mortos. Colocando de maneira simples, era um deus similar ao Óðinn escandinavo. O estudo mais completo realizado até hoje sobre Väinämöinen foi o feito pelo folclorista Martti Haavio (1952).

Por conta da proximidade dessa região com a Rússia e outros povos fino-úgricos influenciados pelos eslavos (como os estonianos), além do fato de que poemas de outras regiões não contêm serpentes voadoras, é provável que estejamos diante de influências eslavas: no folclore bielorrusso, por exemplo, as serpentes aladas estavam relacionadas à prosperidade, proporcionando riquezas a seus donos em diversas narrativas (KÕIVA; BOGANEVA, 2020). Essas serpentes eram descritas como sendo flamejantes, e sua capacidade de trazer riquezas era tida por diabólica<sup>24</sup>: geralmente alimentadas por feiticeiros, elas os enriqueciam ao tirar dinheiro e/ou pertences de outras pessoas. Entre os russos de etnia estoniana, essas serpentes eram associadas a criaturas demoníacas, como o *kratt* (KÕIVA; BOGANEVA, 2020).

Na poesia folclórica há também uma manifestação do simbolismo da serpente atrelado ao Outro Mundo, embora, nesse caso, não se trate de uma menção direta. Coletado em Arcangel Carélia, no ano de 1871, o poema *Tuonelanmatka* (“Visita à Tuonela”) discorre sobre como o deus Väinämöinen se aventurou no reino de Tuonela, um dos mundos dos mortos na mitologia finlandesa, para obter peças para seu trenó. As habitantes dali, ao perceberem que Väinämöinen não estava realmente morto, fingem hospitalidade e a ele oferecem veneno de serpente como bebida<sup>25</sup>, convidando-o depois a se deitar sobre uma cama com linho que havia sido embebido no mesmo veneno (FFPE 30). Conforme veremos, o simbolismo da serpente demonstra vínculos ainda mais fortes com o mundo dos mortos nos encantamentos e outras manifestações de magia, algo encontrado também na tradição nórdica como comentado anteriormente.

A verdadeira área na qual o simbolismo da serpente se faz mais frutífero e presente na tradição finlandesa é, sem dúvida, no repertório mágico de uma classe de especialistas religiosos chamados *tietäjät* (*tietäjä* no singular). Basicamente, os *tietäjät* atuaram nas regiões da Carélia e Finlândia até o século XIX (período do qual advém grande parte dos materiais etnográficos coletados a seu respeito) como figuras especializadas no conhecimento mágico, sobretudo como curandeiros. Portadores de

---

<sup>24</sup> Neste caso, percebemos que as propriedades mágicas das serpentes, atreladas à prosperidade, eram uma característica da tradição pré-cristã que, após séculos de conversão, ainda se mantinha viva, embora relida como sendo “diabólica”. Vide o caso da serpente do lar no caso escandinavo, a qual após o fim da Era Viking passou a ser considerada associada a demônios e um “costume pagão”.

<sup>25</sup> Um dado que revela como o simbolismo e a magia possuem características ambíguas e antagônicas é o fato, por exemplo, de que neste caso a bebida feita com veneno de serpente é algo ruim, enquanto que nos mitos nórdicos de Balderus e Hoderus e de Erik e Roller ela é tida por algo bom.

uma herança cultural xamânica dos povos urálicos, esses especialistas possuíam em seu repertório canções e outras técnicas ritualístico-verbais que lhes permitiam adentrar um estado de agressividade elevada e atingir o chamado transe-motor, acessando assim outros mundos e atuando como mediadores das diferentes realidades (FROG, 2013; FROG, 2019).

Apesar de operarem dentro de uma visão de mundo e um repertório mágico/técnico fortemente xamânico, os *tietäjät* não eram xamãs no sentido estrito do termo, manifestando diversas diferenças em relação a estes quanto ao tipo de transe atingido e às concepções de alma em relação à sua separabilidade do corpo (ALVES, 2022). Na mitologia dos *tietäjät*, fazia-se presente a concepção de que serpentes encontradas sob as rochas eram um símbolo do mal, já que remetiam a lugares do Outro Mundo, tidos por perigosos. Isso nos faz recordar do exemplo nórdico, em que alguns mitos falam de serpentes povoando o submundo, e o próprio Náströnd, um local infestado de cobras, e, portanto, considerado sombrio.

A crença de que espíritos malignos podiam ser encontrados sob as rochas existia também entre outros povos urálicos, como os mordovianos e os udmurtas (SIIKALA, 2002). Isso não significa, contudo, que a serpente fosse considerada maligna em essência. Ela era temida justamente por fazer parte do arsenal mágico dos *tietäjät*, que as conjuravam em suas canções para causar dano a um inimigo, sendo este geralmente outro *tietäjä*. Essa concepção é uma reminiscência do xamanismo norte-asiático, em cuja cosmovisão os xamãs conjuravam seus espíritos auxiliares (animais) e os enviavam em direção a seus inimigos para vencê-los<sup>26</sup> (SIIKALA, 2002).

O envio de animais perigosos enquanto agentes nocivos em direção a outras pessoas era algo que podia ser feito não apenas pelos *tietäjät*, mas, em tese, por qualquer pessoa que tivesse o conhecimento mágico necessário para isso. Narrativas desse cunho, nas quais as serpentes são os agentes responsáveis pelo dano, abundam por diversas regiões do território finlandês. Se, por um lado, a serpente era temida nesse sentido, por outro isso significava que havia um simbolismo positivo a seu respeito, visto que ela era um poderoso espírito auxiliar ao dispor dos *tietäjät*. Por ser essa uma

---

<sup>26</sup> No contexto escandinavo existem relatos da invocação de espíritos animais protetores, mas raramente eles eram usados para fins de combate ou para causar malefícios a outras pessoas. Percebe-se assim que nesse aspecto, a tradição finlandesa concebia uma maior proeminência e essa prática mágica.

herança cultural do xamanismo ártico, é então provável que a serpente tenha feito parte da cosmogonia dos povos balto-fínicos desde um passado longínquo que muito provavelmente remete a seu período de caçadores nômades (SIIKALA, 2002).

Talvez por ter sido um símbolo consolidado por séculos e séculos é que a popularidade da serpente tenha perdurado na Finlândia até meados do século XX. Sabemos que a serpente ainda era alvo de cultos domésticos nessa região até mesmo nos séculos XIX e XX, havendo inclusive relatos de que alguns *tietäjät* caminhavam com serpentes domesticadas a seu lado, mostrando assim seu poder de lidar com um animal tão poderoso e temido – além, é claro, de ser um modo de estar próximo à representação concreta de um animal que era seu espírito auxiliar (SIIKALA, 2002).

Na maioria dos registros de que dispomos, essas serpentes enviadas pelos *tietäjät* eram chamadas *nostokäärmeet*, embora exista um relato em que é descrita uma serpente de proporções extremamente grande, chamada de *maot* (“minhoca” ou “verme”), lembrando a serpente de algumas canções folclóricas, descritas como gigantescas e ferozes (STARK, 2006). Esse dado é mais um indicativo de que quando a serpente tinha suas proporções gigantescas ressaltadas por algum motivo, ela muito provavelmente era nomeada “verme”, similarmente à tradição nórdica, em que encontramos a palavra *ormr*<sup>27</sup>.

Outra evidência de que o papel da serpente era abrangente, podendo inclusive ser protetivo, é o fato dela ser conjurada no início de rituais dos *tietäjät*, durante o que costumamos chamar de “precauções rituais”. Nessas canções o *tietäjä* descrevia seu ato de equipar diversas indumentárias e apetrechos mitológicos apotropaicos, como, por exemplo, luvas feitas de ferro, camisas pertencentes a alguém já falecido, ferramentas fornecidas pelo deus do trovão Ukko<sup>28</sup>, um cinto mágico e, dentre outras coisas, a companhia de serpentes venenosas (SIIKALA, 2002). Os melhores equipamentos protetivos que funcionavam como uma espécie de “escudo mágico” para os *tietäjät* eram espelhados em objetos que existiam em paralelo no Outro Mundo.

<sup>27</sup> No nórdico antigo a palavra *ormr* significava tanto serpente como verme (ZÖEGA, 1911).

<sup>28</sup> Na *Kalevala*, a epopeia finlandesa do século XIX, escrita por Elias Lönnrot com base em diversos poemas coletados nas regiões da Finlândia e Carélia, Ukko assumiu os moldes de uma espécie de deus supremo intervencionista, responsável por auxiliar os heróis que a ele apelavam em momentos de crise, dando-lhes armas mágicas ou então interferindo favoravelmente nos fenômenos climáticos. Contudo, na religião finlandesa pré-cristã, Ukko aparentemente era um deus dos trovões e da regência climática, relacionado à fertilidade dos campos, característica que o coloca próximo aos atributos do deus nórdico Thor (ALVES, 2019).

Por exemplo, em suas canções ritualísticas o *tietäjä* erguia figurativamente uma cerca de ferro para protegê-lo de inimigos e também conjurava serpentes: um dos obstáculos mais perigosos para o *tietäjä* adentrar o mundo de Päivola para obter respostas às suas questões espirituais era justamente uma cerca de ferro infestada por lagartos e serpentes. Diversas fórmulas de encantamento protetivo descreviam a construção dessa cerca juntamente da invocação de serpentes (SIKALA, 2002).

Em alguns poemas sobre Väinämöinen, modelo cultural dos *tietäjät* por excelência, o deus tenta adentrar Tuonela, o mundo dos mortos, mas ao tentar sair, a Senhora dos Mortos, Louhi, envolve a saída de Tuonela em uma rede de ferro gigante. Väinämöinen consegue ultrapassar a rede e fugir apenas ao se transformar em serpente. Esse é mais um indício de resquício xamânico entre os finlandeses, pois no xamanismo ártico é comum que o xamã se transforme em serpente durante seu transe para visitar o mundo dos mortos<sup>29</sup> (PENTIKÄINEN, 2000).

Não podemos, portanto, buscar compreender o simbolismo da serpente na tradição finlandesa em meros termos de negativo ou positivo. Conforme abordamos, a serpente podia atuar tanto como símbolo de proteção e ser o espírito auxiliar do *tietäjä*, quanto sinalizar perigo e se portar como agente nocivo trazendo danos aos outros a mando de seu dono. Se seu simbolismo era positivo ou negativo era algo que dependia majoritariamente, ao que parece, da perspectiva adotada (símbolo positivo para quem podia fazer uso da serpente como espírito auxiliar atuando sob seu controle, enquanto quem sofria o ataque certamente a via como algo negativo). O que podemos afirmar, e que realmente nos interessa, é que a serpente na tradição finlandesa era um símbolo poderoso e fortemente atrelado à magia, e ao sobrenatural, possuindo elementos mágico-religiosos advindos de crenças e práticas xamânicas.

---

<sup>29</sup> Um paralelo a isso é encontrado na *Edda em Prosa*, no mito do roubo do hidromel, no qual essa bebida mágica estava escondida dentro de uma montanha, então Odin se transformou em cobra para poder adentrar um pequeno buraco que concedia até a câmara na qual a bebida estava guardada. Nota-se que tanto Odin quanto Väinämöinen se transformam em serpentes para poderem se locomover no submundo, local tradicionalmente associado aos mortos.

### Considerações finais

Comparar a ocorrência de um símbolo como o da serpente em duas diferentes tradições é sem dúvida uma tarefa ousada, ainda mais ao considerarmos suas numerosas e heterogêneas manifestações em cada um desses sistemas culturais. Isso posto, é necessário explicitarmos que nosso estudo esteve longe de esgotar todos os materiais dessas tradições em que o simbolismo da serpente esteja presente; por questões de espaço e escopo, fez-se necessário optar pela análise de um *corpus* menor, embora variado, que nos oferecesse relativa representatividade de exemplificações.

Os primeiros aspectos que logo se sobressaem, de ordem mais superficial, dizem respeito à própria natureza e gênero dos materiais em que a serpente figura: no caso nórdico, ela se encontra presente em documentos literários prosaicos que reivindicam uma suposta historicidade, como as sagas e a *Gesta Danorum*, mas também em poesias de caráter mitológico, como na poesia éddica. Além disso, há reflexos da serpente na cultura material, algo visto em broches encontrados em sítios funerários, e na magia, supostamente enquanto símbolos de conhecimento, ou a sua presença em monumentos como as pedras rúnicas, possuindo um uso estético e mágico-religioso associado a proteção dos mortos.

Por sua vez, os materiais finlandeses alocam a serpente em alguns poucos poemas mitológicos de natureza narrativa, os quais evidenciam justamente as influências nórdicas ou sul europeias, mas a verdadeira e definitiva vida simbólica da serpente se dá em materiais relacionados à magia e seus praticantes, nos quais a serpente figura como auxiliar dos *tietäjät* e enquanto animal dotado de habilidades mágicas. Há, portanto, uma diferença nos próprios meios de comunicação que veiculavam o simbolismo da serpente: seu potencial narrativo era muito mais forte na tradição nórdica, enquanto que sua atuação nas práticas mágicas *per se* era visivelmente mais intensa no caso finlandês.

Em segundo lugar, sua morfologia também é aparentemente diferente. O formato da serpente nórdica transitava entre a cobra comum, o dragão e o verme gigante, algo que ocorria de maneira muito mais tímida no *corpus* finlandês, no qual o tamanho, as proporções e características físicas das serpentes dificilmente eram descritos: as fontes nórdicas em alguns casos, estavam mais preocupadas em descrever as proporções e a natureza mitológica da serpente. Os poucos exemplos de poemas

finlandeses descrevendo serpentes gigantes o fazem em meio a enredos estranhamente alheios à sua própria tradição enquanto que simultaneamente parecidos às narrativas nórdicas, talvez deixando transparecer uma influência destas. Grosso modo, a tradição finlandesa parecia dar por certo e subentendido que a forma e tamanho das serpentes eram essencialmente os do animal que conhecemos, distanciando-se de proporções colossais, mitológicas ou dracônicas, ao contrário da mitologia nórdica.

Segundo a tradição nórdica, a serpente era um poderoso símbolo de potencial perigoso e traiçoeiro. Na magia, a ingestão do sangue de cobra proporcionava conhecimento e eloquência (era, de fato, um vasilhame de sabedoria), e na *Volsunga Saga* conferia ao herói Sigurd o poder de entender a linguagem dos pássaros. Estas são manifestações de poder e prestígio mágico.

Havia também uma clara relação entre as serpentes e os mortos, pois diversas fontes descrevem sua presença no submundo, roendo a Yggdrasil, ou então as posicionam em contextos trágicos no momento da morte de heróis, como no caso do rei lendário Ragnar Lodbrok. Há, ainda nessa esfera, uma concepção da serpente enquanto agente causador da morte e destruição, atuando feito uma espécie de mensageira do castigo e sofrimento, como nos poemas éddicos *Lokasenna* e *Völuspá*. A ideia de punição também está presente na *Volsunga Saga*, na qual o dragão Fafnir simbolizava a punição para quem ousasse desejar o tesouro por ele guardado, o que certamente termina por caracterizá-lo igualmente como símbolo de cobiça.

Algumas de suas características, no entanto, parecem ser potencialmente mais êmicas à tradição nórdica e sua herança germânica. Exemplos disso são o uso da serpente em estandartes e embarcações, conforme nos dizem as sagas, não só sublinhando o poder atribuído à serpente para intimidar o inimigo, mas também a posicionando em contextos aristocráticos e marciais.

Outra faceta potencialmente mais tradicional da serpente entre os nórdicos talvez seja a que vemos descrita na *Guta Saga*, em que elas aparecem em sonho representando fertilidade, fecundidade e bênçãos (em outras palavras, um bom agouro). Interpretá-las dessa forma parece fazer sentido ao considerarmos a evidência da cultura material, como a presença de serpentes em equipamentos e utensílios inumados junto às pessoas, possuindo provável função apotropaica.

Já o que sobressai na tradição finlandesa é a presença da serpente em conteúdos relacionados à prática da magia e à ritualística. Sua conotação também é notoriamente mais positiva no caso finlandês e, assim, as influências cristãs parecem ter sido menos impactantes no simbolismo da serpente entre os fínicos, por mais que, ironicamente, os materiais de que dispomos a seu respeito tenham sido coletados muito mais tardiamente do que se comparados ao caso nórdico, ou seja, após consideráveis séculos da chegada do cristianismo na região (século XIX).

As conotações negativas da serpente, como, por exemplo, as menções a serpentes aladas flamejantes que traziam prosperidade, mas eram diabólicas, são provavelmente resultado de influência do folclore eslavo; alguns poemas descrevem o veneno de serpente sendo oferecido a Väinämöinen, no mundo dos mortos, para que ele morresse após ingeri-lo e, dessa forma, não pudesse retornar ao mundo dos vivos. À primeira vista esse simbolismo pode parecer negativo, mas ele é, na verdade, apenas mais uma das facetas que revelam as conexões entre a serpente, a magia e o mundo dos mortos: na mitologia finlandesa, o mundo dos mortos era também um lugar repleto de praticantes poderosos e versados nas artes mágicas (SIKALA, 2002).

Esse aspecto é ainda mais perceptível ao considerarmos a serpente sendo invocada para fins protetivos pelos *tietäjät* durante as partes preparatórias de seus encantamentos, protegendo-os justamente enquanto vislumbavam o mundo dos mortos. No contexto mágico, as serpentes atuavam como animais auxiliares dos *tietäjät*, guardando-os e também os ajudando durante ofensivas contra outros seres mágicos ou contra *tietäjät* inimigos. Os relatos atestam até mesmo que era possível aos *tietäjät* causarem danos usando as serpentes como veículos encarregados de desferirem o ataque, por mais que os motivos, conforme vimos, pudessem ser aparentemente vãos.

Nesse sentido, é perceptível que o uso mágico das serpentes na tradição finlandesa era bem mais prático do que se conhece na tradição nórdica, pois embora existam relatos de feitiços e encantamentos, raramente serpentes são citadas, e quando isso ocorre, advém de mitos e lendas, diferente do caso finlandês em que temos relatos de *tietäjät* em épocas mais recentes, fazendo uso desses feitiços ofídicos.

Se por um lado foram constatadas certas diferenças, por outro, é preciso apontar que em ambas as tradições as serpentes eram símbolos de prestígio, poder e de conhecimento mágico, ainda que as singularidades culturais existam e devam ser

consideradas. Restam diversas possibilidades de investigações mais detalhadas a partir desta pesquisa, como, por exemplo, analisar cada uma das tradições com mais profundidade, no sentido de abarcar mais materiais e de se adotar uma perspectiva diacrônica, considerando as mudanças do simbolismo serpentiforme em cada contexto segundo as heranças culturais em questão: a herança germânica e por fim indo-europeia no caso nórdico, e o passado urálico fortemente xamânico no caso finlandês. Uma pesquisa dessa espécie auxiliaria na formulação de hipóteses a respeito de que elementos do simbolismo da serpente seriam possivelmente mais êmicos e característicos (talvez estruturais) dentro de cada um desses sistemas mítico-culturais.

Por fim, a presente pesquisa constitui também uma contribuição, a partir da perspectiva do simbolismo animal, para o estudo das religiões e cosmovisões que teriam composto o norte europeu. Diversas análises já tocaram na questão da alta complexidade e dinamicidade das ideias, signos mitológicos e rituais que circularam amplamente pela região sem obedecer aos limites das fronteiras linguísticas (cf. DUBOIS, 1999; TOLLEY, 2009; PRICE, 2019; ALVES, 2021) e, assim sendo, nada faria mais sentido do que levantar a hipótese de que certos simbolismos animais teriam também transitado com considerável amplitude.

### Fontes Primárias

**FFPE:** Finnish Folk Poetry: Epic. Edited and translated by Matti Kuusi, Keith Bosley and Michael Branch. Helsinque: Publications of the Finnish Literature Society, 1977.

**GUTA saga:** The History of the Gotlanders. Edited by Christian Peel. Reprinted 2010. Exeter: Viking Society for Northern Research; University College London, 1999.

**SAGA dos Volsungos.** Tradução, introdução e notas de Théó de Borba Moosburger. São Paulo: Hedra, 2009.

SAXO Grammaticus. **Gesta Danorum:** The History of the Danes, vol. 1. Edited by Karsten Friis-Jensen, translated by Peter Fisher. Oxford: Clarendon Press, 2015. 2v

STURLUSON, Snorri. **The Uppsala Edda.** Edited with introduction and notes by Heimir Pálsson. Translated by Anthony Faulkes. London: Viking Society for Northern Research/University College London, 2012.

**POETIC Edda.** Translated by Carolyne Larrington. Revised edition. Oxford: Oxford University Press, 2014.



## Referências Bibliográficas

ABONDOLO, Daniel. **The Uralic Languages**. London: Routledge, 1998.

AHLBÄCK, Tore & BERGMAN, Jan (eds.). **The Saami Shaman Drum**. Based on papers read at Symposium on the Saami Shaman Drum held at Finland, in August 1988. Scripta Instituti Donneriani Aboensis.

ALVES, Victor Hugo Sampaio. A definição fenomenológica de Eliade para o xamanismo: alguns contrapontos oferecidos pela perspectiva culturalista e um caso ilustrativo da tradição fino-careliana dos tietäjät. **Plura** – Revista de Estudos de Religião, v. 13, n. 1, 2022, p. 268-298.

ALVES, Victor Hugo Sampaio. Os elementos (trans)culturais do Vafþrúðnismál: do galdr ao tietäjä fino-careliano. **Scandia: Journal of Medieval Norse Studies**, n. 4, 2021, p. 436-488.

ALVES, Victor Hugo Sampaio. Finlândia pré-cristã (religião). In: LANGER, Johnni (org.). **Dicionário de História das Religiões na Antiguidade e Medievo**. Petrópolis: Vozes, 2020a, p. 205-209.

ALVES, Victor Hugo Sampaio. Mitologia finlandesa. In: LANGER, Johnni (org.). **Dicionário de História das Religiões na Antiguidade e Medievo**. Petrópolis: Vozes, 2020b, p. 382-387.

ALVES, Victor Hugo Sampaio. Tambores no xamanismo. In: LANGER, Johnni (org.). **Dicionário de História das Religiões na Antiguidade e Medievo**. Petrópolis: Vozes, 2020c, p. 539-545.

ALVES, Victor Hugo Sampaio. **Diferentes sons do trovão: uma perspectiva comparativa entre os deuses Thor, Ukko e Horagalles**. 2019. Dissertação (Mestrado em Ciências das Religiões) – Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2019.

ANTTONEN, Veikko. Literary representation of oral religion: organizing principles in Mikael Agricola's list of mythological agents in Late Medieval Finland. In: RAUDVERE, Catharina & SCHJØDT, Jens Peter (eds.). **More than Mythology: Narratives, Ritual Practices and Regional Distribution in Pre-Christian Scandinavian Religions**. Lund: Nordic Academic Press, 2012, p. 185-224.

AUTIO, Eero. The Snake and Zig Zag Motifs in Finnish Rock Paintings and Saami Drums. In: AHLBÄCK, Tore & BERGMAN, Jan (eds.). **The Saami Shaman Drum**, Estocolmo: Inscripta Instituti Donneriani Aboensis, 1991, p. 52-79.

BRUNNING, Sue. '(Swinger of) the Serpent of Wounds': swords and snakes in the Viking Mind. In: BINTLEY, Michael D. J; WILLIAMS, Thomas J. T (eds.). **Representing Beasts in Early Medieval England and Scandinavia**. Woodbrige: The Boydell Press, 2015, p. 53-70. (Anglo-Saxon Studies 29).



CASSIRER, Ernst. **Filosofia delle forme simboliche**, vol. 1: Il Linguaggio. Traduzione di Eraldo Arnaud. Firenze: La Nuova Italia Editrice, 1961. 4v.

DEVYATKINA, Tatyana. **Mordvinian mythology**. Založnik: Založba ZRC, 2004.

DUBOIS, Thomas A. **Nordic Religions in the Viking Age**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1999.

EDGREN, Tørsten. Viking Age in Finland. In: BRINK, Stefan, PRICE, Neil (ed). **The Viking World**. London: Routledge, 2008, p. 470-484.

ELIADE, Mircea. **The Quest: History and Meaning in Religion**. Chicago: University of Chicago Press, 1969.

FERRARI, Fulvio. Il fuoco e i serpenti nella Guta Saga. **Studi Nordici**, n. IV, p. 9-20, 1997.

FRAZER, James George. **The Golden Bough: A Study in Magic and Religion**. Oxford: Oxford University Press, 2009.

FROG. O berserkr escandinavo, o tietäjä fino-careliano e uma História de tecnologias rituais. **Scandia: Journal of Medieval Norse Studies**, n. 2, 2019, p. 232-287.

FROG. Shamans, Christians, and Things in between: From Finnic-Germanic Contacts to the Conversion of Karelia. In: ŚLUPECKI, Leszek & SIMEK, Rudolf (eds.). **Conversions: Looking for Ideological Change in the Early Middle Ages**, Viena: Fassbaender, 2013, p. 53-98.

GRÄSLUND, Anne-Sofie. Wolves, serpents, and birds. In: ANDRÉN, Anders; JENNBERT, Kristina; RAUDVERE, Catharina (eds.). **Old Norse religion in long-term perspectives: origins, changes, and interactions**. Lund: Nordic Academic Press, 2006, p. 124-129.

HAAVIO, Martti. **Väinämöinen: Eternal Sage**. Helsinki: Academia Scientiarum Fennica, 1952.

HEGUIT, Etienne Alfred. Interpretação das imagens na teologia e nas ciências da religião. In: NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza (org.). **Linguagens da Religião: desafios, métodos e conceitos centrais**. São Paulo: Paulinas, 2012. (Coleção Estudos da Religião).

JENNBERT, Kristina. **Animals and Humans: Recurrent symbiosis in archaeology and Old Norse religion**. Lund: Nordic Academic Press, 2011.

KOIVA, Mare & BOGANEVA, Alena. Beliefs about flying serpents in Belarusian, Estonian and Russian Estonian traditions. In: MAEVA, M. *et al* (eds.). **Between the Worlds: Magic, Miracles and Mysticism**, Sofia: BAS & Paradigma, 2020, p. 386-401.



KULEMZIN, Vladislav M. Palentin. In: NAPOLSKIKH, Vladimir; SIIKALA, Anna-Leena; HOPPÁL, Mihály (eds.). **Khanty Mythology**, Helsinque: Suomalaisen Kirjallisuuden Seura, 2006, p. 124.

KUZNETSOVA, Ariadna I. Su – Serpent, Snake. In: NAPOLSKIKH, Vladimir; SIIKALA, Anna-Leena; HOPPÁL, Mihály (eds.). **Selkup Mythology**, Helsinque: Suomalaisen Kirjallisuuden Seura, 2010, p. 240.

LANGER, Johnni. Viking. In: LANGER, Johnni (org.). **Dicionário de História e Cultura da Era Viking**. São Paulo: Hedra, 2018, p. 706-718.

LANGER, Johnni. O Mito do Dragão na Escandinávia (Primeira Parte: Período Pré-Viking). **Brathair**, n. 3, v. 1, p. 42-64, 2003.

LECOUTEUX, Claude. **The Tradition of Household Spirits: Ancestral lore and practices**. Translated by Jon E. Graham. Vermont: Inner Traditions, 2013.

MANDT, Gro. Fragments of Ancient Beliefs: The Snake as a Multivocal Symbol in Nordic Symbolism. **ReVision**, v. 23, n. 1, p. 17-23, 2000.

MAUSS, Marcel; HUBERT, Henri. Esboço de uma teoria geral da magia. In: MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. Tradução de Paulo Neves. São Paulo, Cosac & Naify, 2003. p. 47-181.

MÜLLER, Friedrich Max. **Introduction to the Science of Religion**. London: Longmans Green and Co., 1873.

MUNDKUR, Balaji D. **The Cult of the Serpent: An Interdisciplinary Survey of its Manifestations and Origins**. Albany: State University of New York Press, 1983.

NÖTH, Winfried. Semiótica da magia. **Revista USP**, n. 31, set./nov. 1996, p. 31-41.

OLIVEIRA, Leandro Vilar. Breve comentário sobre o simbolismo da serpente na Edda Poética. **Notícias Asgardianas**, v. 12, p. 70-79, 2017.

OLIVEIRA, Leandro Vilar. **A guardiã dos mortos: um estudo do simbolismo religioso da serpente em monumentos da Era Viking (sécs. VIII-XI)**. 2020a. Tese (Doutorado em Ciências das Religiões) – Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2020a.

OLIVEIRA, Leandro Vilar. Malditas serpentes: um comentário sobre a cena do suplício do poço. **Notícias Asgardianas**, v. 9, p. 64-75, 2015.

OLIVEIRA, Leandro Vilar. Religião. In: LANGER, Johnni (org.). **Dicionário de História das Religiões na Antiguidade e Medievo**. Petrópolis: Vozes, 2020c, p. 476-482.

OLIVEIRA, Leandro Vilar. O simbolismo europeu da serpente. In: LANGER, Johnni (org.). **Dicionário de História das Religiões na Antiguidade e Medievo**. Petrópolis: Vozes, 2020b, p. 523-527.



OLIVEIRA, Leandro Vilar; OLIVEIRA, Angela Albuquerque de. O simbolismo do lobo e da serpente no Ragnarök. **Diversidade Religiosa**, v. 7, n. 1, 2017, p. 216-240.

PASTOUREAU, Michel. Símbolo. In: LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude (orgs.). *Dicionário temático do Ocidente medieval*. São Paulo: EDUSC, 2002, p. 485-510.

PENTIKÄINEN, Juha. *Kalevala Mythology – Expanded Edition*. Indiana: Indiana University Press, 2000.

PRICE, Neil. **The Viking Way: magic and mind in late Iron Age Scandinavia**. 2. ed. Oxford: Oxbow Books, 2019.

RUNDKVIST, Martin. Snake brooches of south Scandinavia. Ørsnes types L1, L2, J and H3. In: HÅRDH, Birgitta (ed.). **Fler fynd i centrum**. Materialstudier i och kring Uppåkra. Lund: Department of Archaeology, University of Lund, 2003, p. 97-121.

SALO, Unto. Agricola's Ukko in the light of archaeology: a chronological and interpretative study of ancient Finnish religion. **Scripta Instituti Donneriani Aboensis**, v. 13, 1990, p. 92-190.

SCHILBRACK, Kevin. O conceito de religião. Tradução de Eduardo R. Cruz. **Rever**, São Paulo, v. 22, n. 2, 2022, p. 207-236.

SCHJØDT, Jens Peter. The Reintroduction of Comparative Studies as a Tool for Reconstructing Old Norse Religion. In: BRINK, Stefan & COLLINSON, Lisa (eds.). *Theorizing Old Norse Myth*, Londres: Brepols, 2017, p. 61-82.

SIKALA, Anna-Leena. **Mythic Images and Shamanism: A Perspective on Kalevala Poetry**. Helsinque: Academia Scientiarum Fennica, 2002.

SPERBER, Dan. **Rethinking Symbolism**. Translated by Alice L. Morton. Cambridge: Cambridge University Press, 1979.

STARK, Laura. **The Magical Self: Body, Society and the Supernatural in Early Modern Rural Finland**. Helsinque: Academia Scientiarum Fennica, 2006.

THOMAS, Keith. **Religião e o Declínio da Magia: crenças populares na Inglaterra dos séculos XVI e XVII**. Tradução de Denise Bottmann e Tomás Rosa Bueno. São Paulo, Companhia das Letras, 1991.

TOLLEY, Clive. **Shamanism in Norse Myth and Magic**, vol. 1. Helsinque: Academia Scientiarum Fennica, 2009.

TUCHKOVA, Natalya A. Three-Headed Serpent. In: NAPOLSKIKH, Vladimir; SIKALA, Anna-Leena; HOPPÁL, Mihály (eds.). **Selkup Mythology**, Helsinque: Suomalaisen Kirjallisuuden Seura, 2010, p. 163.



ULYASHEV, O. I. Gundur. In: NAPOLSKIKH, Vladimir; SIIKALA, Anna-Leena; HOPPÁL, Mihály (eds.). **Komi Mythology**, Helsinque: Suomalaisen Kirjallisuuden Seura, 2003, p. 121.

WILSON, David M. The Development of Viking Art. In: BRINK, Stefan (ed.) **The Viking World**. London: Routledge, 2008, p. 323-340.

ZACHRISSON, Inger. The Sámi and their interaction with the Nordic peoples. In: BRINK, Stephan (ed.). **The Viking World**. London: Routledge, 2008, p. 32-40.